



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS

**ESTRATÉGIAS ALTERNATIVAS DE CONSTRUÇÃO DO SIGNIFICADO: OS
VERBOS “DIRIGIR” E “CONDUZIR” NO PORTUGUÊS BRASILEIRO**

Thayná de Souza Baptista Jucá de Araújo

Rio de Janeiro

2024

THAYNÁ DE SOUZA BAPTISTA JUCÁ DE ARAÚJO

**ESTRATÉGIAS ALTERNATIVAS DE CONSTRUÇÃO DO SIGNIFICADO: OS
VERBOS “DIRIGIR” E “CONDUZIR” NO PORTUGUÊS BRASILEIRO**

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras na habilitação Português / Inglês.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Lilian Vieira Ferrari

Rio de Janeiro

2024

**ESTRATÉGIAS ALTERNATIVAS DE CONSTRUÇÃO DO SIGNIFICADO: OS
VERBOS “DIRIGIR” E “CONDUZIR” NO PORTUGUÊS BRASILEIRO**

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras na habilitação Português / Inglês.

Data de
aprovação:

Banca
Examinadora:

Prof^ª. Dr^ª. Lilian Vieira Ferrari – Presidente da Banca Examinadora
Faculdade de Letras – UFRJ

Prof. Dr. Diogo Pinheiro Oliveira Ramires Pinheiro
Faculdade de Letras – UFRJ

CIP - Catalogação na
Publicação

AGRADECIMENTO

Escrever sempre me foi um refúgio, um lugar seguro e fictício criado inteiramente por mim mesma. Concreto porque se realiza em palavras, mas completamente abstrato na função que atribuí. O problema é que nem todos os textos podem satisfazer esse meu desejo íntimo, caso notável é o trabalho de conclusão de curso. Transformar um local inóspito em lar só foi possível porque essa pesquisa, gerada por tantos meses através do Programa de Iniciação Científica, o PIBIC, foi, desde a sua concepção, muito bem acolhida.

Lá no curso de Linguística I, quando eu tive uma das melhores experiências de aula e vida com o Prof. Dr. Diogo Oliveira, algo me fisionou o coração. Não era apenas a euforia de primeiro semestre, ou a animação coletiva dos colegas que tanto admiravam esse professor, para mim, foi algo mais.

Ao chegar em Linguística IV, a Prof.^a Dr.^a Lilian Ferrari foi a responsável por acender essa chama da paixão pela língua. Por causa disso, aqui se inicia uma tentativa de agradecer à essa professora extraordinária que sempre recepcionou e apoiou todas as minhas ideias. As forças para escrever esse trabalho vieram através de todo o carinho, compreensão, atenção e apreço que o tópico desta pesquisa e a estudante ansiosa e complicada que aqui escreve receberam da orientadora mais sublime e inigualável. A sua dedicação foi, é e sempre será agente de grandes transformações.

Das tantas mudanças que a minha vida conheceu nos últimos anos, gostaria de agradecer àqueles que se mantiveram presentes nessa caminhada árdua, mas incrivelmente recompensadora, que foi a graduação. Um ciclo se fecha e eu quero honrar essa poderosa experiência.

Aos colegas e professores da Letras — UFRJ, todos tão numerosos e igualmente importantes para a construção de quem eu me tornei enquanto pessoa e profissional.

Aos amigos que eu trouxe de antes, dos que eu fiz pela faculdade, e aqueles que surgiram depois, eu não me atrevo a citar tantos nomes, mas desconfio que saberão quem são vocês.

À Júlia, que foi a melhor amiga que eu nunca precisei pedir. Você sempre soube o que fazer, falar e onde estar: do meu lado. Obrigada por tantos dias de alegria, risadas, conversas e o mútuo entendimento de que estávamos juntas.

Aos familiares que constituíram essa ideia de família como cuidado e muito afeto. Adilson, espero ter sido filha à altura do pai que você foi para mim.

À minha irmã Thauane, pela presença serena no meio da tempestade. Você sabe onde me encontrar.

À Beatriz, por realizar o meu sonho de morar com uma amiga.

E ao Benício, por me abraçar como a sua melhor malvada favorita.

Às mulheres que me criaram e me permitiram ser quem eu sou:

À minha avó Eliane, por ter me ensinado a ler e, com isso, plantar a semente desse grande amor pelos livros,

À minha dinda Vanessa, por ter me ensinado a dar boas gargalhadas e enxergar o lado bom da vida,

À minha tia Leila, por ter me ensinado a bordar, a cozinhar, e a me perceber grande o suficiente para realizar tudo o que eu queria e quero fazer,

À minha mãe Isabela, por ter me ensinado a falar com o mundo e para o mundo. Obrigada por ter me escolhido.

Ao meu avô Paulo, por ter habilmente construído com as próprias mãos a bússola que, dentro de mim, sempre indica o caminho que preciso trilhar.

Ao meu companheiro da vida, Bruno, pelas manhãs, tardes e noites infinitas de conversas, planos, sonhos, realizações e muito amor. Você me enxerga e sabe quem eu sou. Finalmente nos encontramos.

E, por último, à todas as versões de mim mesma. São vocês que guiam a minha mão enquanto escrevo mais um capítulo da nossa história.

Obrigada.

RESUMO

Este trabalho apresenta a investigação das possibilidades de uso dos verbos “dirigir” e “conduzir” a partir das suas características semânticas, sintáticas e pragmáticas no português brasileiro contemporâneo. Tendo adotado o referencial teórico da Linguística Cognitiva, o estudo se baseia na Semântica de *Frames* (Fillmore, 1982) e na noção de *construal* da Gramática Cognitiva (Langacker, 1987) e pretende, por meio da análise de dados retirados da rede social *Twitter*, (1) descrever as similaridades e diferenças entre os verbos “dirigir” e “conduzir” através da análise quantitativa e (2) correlacionar esses resultados às construções de significado possíveis apresentadas pela análise qualitativa dos exemplos. Considerando os objetivos descritos, avalia-se a ocorrência de cada verbo segundo a hipótese de que eles estabelecem *construals* distintos com o *frame* CONTROLE DE VEÍCULOS, que relaciona os elementos “motorista” e “veículo”, ao perfilarem diferentes entidades dessa base conceptual.

PALAVRAS-CHAVE: *frames, construal*

ABSTRACT

This paper investigates the possible uses of the verbs *dirigir* and *conduzir* based on their semantic, syntactic and pragmatic characteristics in contemporary Brazilian Portuguese. Adopting the theoretical framework of Cognitive Linguistics, the study is grounded in Frame Semantics (Fillmore, 1982) and in the notion of construal from Cognitive Grammar (Langacker, 1987) and aims to, by analyzing data taken from the social network Twitter, (1) describe the similarities and differences between the verbs *dirigir* and *conduzir* through quantitative analysis and (2) correlate the results with the possible constructions of meaning presented by the qualitative analysis of the examples. Considering the objectives described, the occurrence of each verb is evaluated according to the hypothesis that they establish distinct construals with the frame CONTROL OF VEHICLES, which relates the elements "driver" and "vehicle", by profiling different entities of this conceptual base.

KEYWORDS: frame, construal

LISTA DE FIGURAS E EXEMPLOS

Figura 1 — <i>Triângulo Retângulo</i>	16
Figura 2 — <i>Frame CONTROLE DE VEÍCULOS</i>	16
Figura 3 — <i>Construal Estabelecido por Dirigir</i>	17
Figura 4 — <i>Construal Estabelecido por Conduzir</i>	17
Exemplo 1 — <i>D43</i>	18
Exemplo 2 — <i>D25</i>	19
Exemplo 3 — <i>C10</i>	19
Exemplo 4 — <i>C19</i>	20
Exemplo 5 — <i>C15</i>	20
Exemplo 6 — <i>D2</i>	23
Exemplo 7 — <i>C16</i>	23
Exemplo 8 — <i>C14</i>	24
Exemplo 9 — <i>D42</i>	34

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 — Transitividade Verbal	18
Tabela 2 — Características Semânticas do Objeto	21

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	12
2.1 Semântica Cognitiva	13
2.2 Gramática Cognitiva	15
3 METODOLOGIA.....	16
4 ANÁLISE	17
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	25
REFERÊNCIAS	26

1 INTRODUÇÃO

Com base no referencial teórico da Linguística Cognitiva, o presente trabalho visa a contrastar os usos dos verbos *dirigir* e *conduzir* no português brasileiro com base em dados retirados da rede social X (*Twitter*), a partir de suas respectivas características sintáticas e semântico-pragmáticas. Alinhando-se a estudos recentes que enfocam a análise de itens lexicais semanticamente semelhantes (Pinheiro e Ferrari, 2015; Ferrari, 2021; Ferrari, 2023), formula-se a hipótese de que os verbos *dirigir* e *conduzir* ativam o mesmo *frame* (Fillmore, 1976, 1982), o de CONTROLE DE VEÍCULOS, que correlaciona os papéis do motorista e do veículo, mas estabelecem *construals* distintos (Langacker, 1987) em relação a esse *frame*.

O trabalho está organizado em três seções principais. Na seção 2, são apresentados os pressupostos teóricos, enfocando-se a Semântica Cognitiva e, em especial, os conceitos de *frame* e de categorização (seção 2.1), e a Gramática Cognitiva e a noção de *construal* (seção 2.2.) A seção 3 descreve os procedimentos e critérios metodológicos utilizados na condução da pesquisa. Por fim, na seção 4, a análise é estabelecida, utilizando tanto uma perspectiva sintática, quanto uma semântico-pragmática. Em linhas gerais, os resultados demonstram que os verbos *dirigir* e *conduzir*, de fato, ativam o *frame* CONTROLE DE VEÍCULOS e que cada um deles coloca em proeminência papéis distintos, o do motorista ou o do veículo, dessa base conceptual.

2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

A Linguística Cognitiva (LC) se estabelece, além de outras rupturas com o modelo formalista, ao negar o pressuposto da modularidade da mente, se opondo à suposição tradicional de que a faculdade da linguagem não está relacionada a outras competências mentais. Sob o paradigma da LC, a linguagem não é um módulo autônomo e isolado, mas um mecanismo de conceptualização da realidade mediado pela cognição, que está intrinsecamente amparado pela experiência humana (Ferrari, 2011).

Na Gramática Gerativa, o campo da semântica foi caracterizado pelo princípio de que as palavras codificam o significado, entendido como estático e independente do conhecimento de mundo, estruturado mentalmente como um dicionário. Em contraste, a Semântica Cognitiva propõe que o significado, na verdade, reflete um conhecimento enciclopédico, que resulta da construção cognitiva do mundo e que, portanto, se caracteriza como conceptualização. Para a

LC, palavras indicam o significado que, por sua vez, é mais amplo do que a própria unidade linguística. Fauconnier (1994) ilustra essa ideia ao afirmar que a palavra constitui o “topo do iceberg” (*the tip of the iceberg*) da construção cognitiva do significado, sendo apenas uma “pista” para o processamento mental de um conhecimento enciclopédico maior e mais complexo.

2.1 Semântica Cognitiva

Um dos conceitos elementares da Semântica Cognitiva é a noção de *frame*, proposta por Charles Fillmore (1982), para tratar do significado de palavras e expressões. De acordo com o autor, um *frame* constitui um sistema mentalmente estruturado de conhecimentos inter-relacionados e interdependentes. Fillmore (1982, p. 384) afirma que, dentro de um contexto, a escolha das palavras é motivada pela relação que essas unidades linguísticas estabelecem com uma determinada base conceptual, um *frame*, e que, portanto, um enunciado revela as múltiplas maneiras em que o falante conceptualiza a situação a fim de construir um determinado sentido.

O teórico explicita que os significados, representados por um conjunto de conhecimentos armazenados na memória de longo prazo e compartilhados culturalmente, ou seja, por um *frame*, são construídos a partir de pontos de vistas específicos e distintos. A oposição entre *land* e *ground*, análoga à oposição entre solo e terra em português, evidencia que mesmo que os termos designem a superfície seca da Terra, o primeiro está em contraste com o mar, sendo utilizado a partir de uma perspectiva marítima (ex. Terra à vista!), e o segundo em contraste com o ar, sendo usado em uma perspectiva aérea (ex. Os paraquedistas chegaram rápido ao solo). Com esse exemplo, o autor afirma que a diferença entre os itens lexicais não reside no que as palavras designam no mundo biossocial, mas sim em como cada uma ativa um *frame* mais amplo, e ainda, a partir de qual prisma esses itens acessam esse sistema de estrutura semântica.

Em consonância com essa perspectiva sobre o significado de termos semelhantes, Ferrari (2021) elabora estudo sobre o uso das palavras “sabor” e “gosto” no português brasileiro, demonstrando que, apesar de se referirem a uma mesma experiência corpórea relacionada ao *frame* EXPERIÊNCIA GUSTATIVA, essas unidades linguísticas estabelecem diferentes relações com esse *frame*; a primeira enfocando as características intrínsecas de um objeto experienciado por meio do paladar, e a segunda dando proeminência à experiência gustativa do indivíduo.

Tomando a proposta de Fillmore (1982) como ponto de partida, e o estudo realizado por Ferrari (2021) como referência, a análise dos verbos “dirigir” e “conduzir” parte da premissa de que ambos os verbos ativam o *frame* CONTROLE DE VEÍCULOS, mas acessam de maneiras distintas essa estrutura conceptual.

Sendo o conceito de *frame* (Fillmore, 1982) de elevada importância para este trabalho, vale citar outra concepção associada a essa ideia que auxilia e determina os caminhos traçados pela pesquisa: a de categorização como processo mental (Rosch, 1973, 1978 *apud* Ferrari, 2011).

Ferrari (2011) explica que a categorização é “(...) o processo através do qual agrupamos entidades semelhantes (objetos, pessoas, lugares, etc.) em classes específicas.” (p. 31) e que esse fenômeno é um processo cognitivo de domínio geral, um mecanismo da cognição que atua não apenas na faculdade da linguagem, mas em outras habilidades humanas. A LC entende, logo, que a experiência social e cultural são fatores determinantes para formar uma determinada categoria semântica mental que reúne e organiza o conhecimento de mundo. Fillmore (1982) demonstra que a noção de *frame* e o processo de categorização estão relacionados ao pontuar que palavras representam categorizações da experiência (p. 373). Aproximando tal princípio do objeto de estudo, é acertado que os papéis do motorista e do veículo, que compõem o *frame* CONTROLE DE VEÍCULOS, são representantes, cada um, de uma categoria que abarca entidades semelhantes.

Rosch (1973, 1978 *apud* Ferrari, 2011) em investigações próprias demonstrou que as categorias não possuem limites nítidos e que as entidades, os elementos de um certo conjunto, são organizados em termos de efeitos prototípicos. O elemento central de uma categoria, representativo de tal domínio cognitivo, é o protótipo e é assim nomeado porque “desempenha papel crucial na formação de uma categoria” (Ferrari, 2011, p. 39)¹ e, que, como indicado anteriormente, está sob a influência das experiências sociais e culturas que um determinado grupo de falantes compartilha. Assim, a categoria VEÍCULO, relativa a um dos papéis correlacionados no *frame* em questão, abarca entidades mais prototípicas, como “carro”, e menos prototípicas, como “moto”, “trem”, “ônibus”, “patinete”, etc., — todos presentes nos dados analisados — e é central para demonstrar as maneiras contrastantes que os verbos *dirigir*

¹ Em Ferrari (2011) é possível encontrar um detalhamento de como os efeitos prototípicos podem ser plurais e como eles auxiliam na compreensão de como certas entidades se distribuem a partir do núcleo de uma categoria. (p. 31-47)

e *conduzir* acessam o *frame* CONTROLE DE VEÍCULOS.

2.2 Gramática Cognitiva

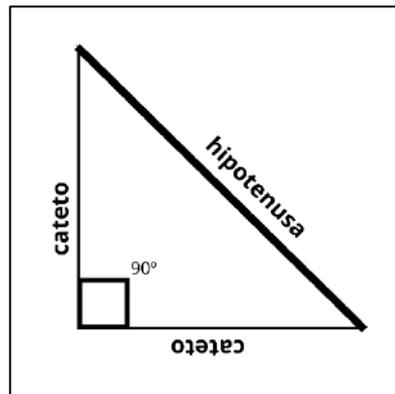
A perspectiva cognitivista do significado não se esgota no conteúdo conceptual, o *frame*, que uma expressão linguística acessa. Como demonstrado por Fillmore (1982), as palavras evocam o *frame* por um ponto de vista próprio e único. Langacker (1987), ao desenvolver a Gramática Cognitiva (GC), detalha *como* esse conteúdo conceptual é acessado pelas expressões linguísticas e apresenta *quais* as possibilidades de relações que as palavras constroem com esse conteúdo. Esse processo é denominado *construal*.

Para a GC, importa investigar as dimensões e perspectivas que permitem uma unidade linguística ser conceptualizada de uma determinada maneira a fim de veicular certo sentido. Langacker (1987) afirma que os processos cognitivos envolvidos no acesso de uma palavra à base conceptual podem ser comparados aos mecanismos de percepção visual utilizados ao observar uma cena. Imagine que uma pedra e uma árvore estão verticalmente alinhadas a partir do ponto de vantagem (*vantage point*) de um determinado observador. Para descrever tal paisagem, a base conceptual poderá ser acessada por um dos elementos constituintes: a pedra ou a árvore. Caso a pedra se encontre entre o observador e a árvore, as possibilidades de expressão linguística são: (1a) “A pedra está na frente da árvore” ou (2a) “A árvore está atrás da pedra”. Em uma situação em que a árvore estivesse entre o observador e a pedra, é possível dizer: (1b) “A árvore está na frente da pedra” ou (2b) “A pedra está atrás da árvore”. Enquanto os exemplos (1a) e (2b) conceptualizam o cenário através da posição da pedra, os exemplos (1b) e (2a) conceptualizam a base conceptual ao estabelecer a árvore como ponto de partida (Langacker, 1987, p. 76).²

Dentre os aspectos do *construal* elaborados por Langacker (1987), interessa a esse trabalho a ideia de *profiling*, que seria a proeminência dada por uma expressão linguística a um determinado elemento do *frame*. Um outro exemplo seria a palavra “hipotenusa”, que remete ao conceito de triângulo retângulo, acessando todos os elementos do *frame*, mas perfilando especificamente o lado do triângulo que é oposto ao ângulo reto (Ferrari, 2011), como representado na *Figura 1* a seguir:

² Em Langacker (1987, p.76) é possível encontrar o esquema que ilustra os exemplos utilizados.

Figura 1 — Triângulo Retângulo



Devido a amplitude de possibilidades do processo de conceptualização, a linguagem apresenta múltiplas expressões linguísticas que evocam o mesmo *frame* e, todavia, ainda se distinguem devido aos diferentes *construals* estabelecidos por cada uma delas. Para o caso dos verbos *dirigir* e *conduzir*, interessa-nos detalhar as construções de significado alternativas que estabelecem com o *frame* CONTROLE DE VEÍCULOS, seus respectivos *construals*, a partir do *profiling*, ou seja, do perfilamento de diferentes elementos desse frame.

3 METODOLOGIA

Consoante às teorias e trabalhos elaborados no campo da LC, a escolha do objeto de estudo incidiu sobre os verbos *dirigir* e *conduzir* por eles ocorrerem em inúmeros contextos similares, constituindo, portanto, casos em que as noções de *frame* e *construal* auxiliariam uma compreensão mais precisa das suas construções alternativas de significado. Desse modo, estabeleceu-se a hipótese de que os verbos *dirigir* e *conduzir* ativam o *frame* CONTROLE DE VEÍCULOS, representado pela Figura 2, mas estabelecem *construals* distintos: *dirigir* perfila o papel do motorista, ilustrado pela Figura 3, e *conduzir* o papel do veículo, ilustrado na Figura 4.

Figura 2 — Frame CONTROLE DE VEÍCULOS

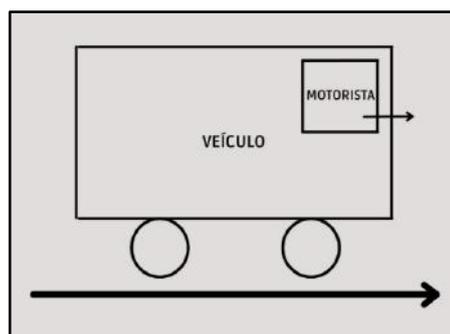


Figura 3 — Construal Estabelecido por *Dirigir*

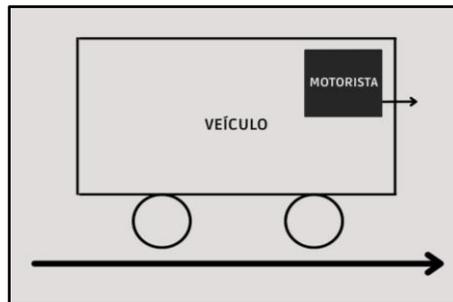
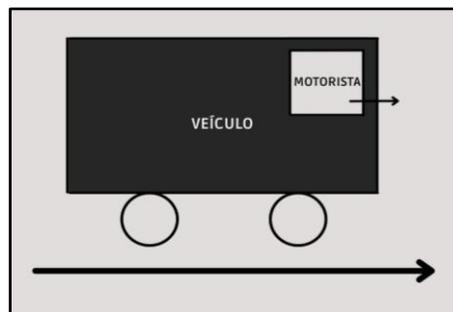


Figura 4 — Construal Estabelecido por *Conduzir*



Ao adotar a metodologia da análise de *corpus*, para obtenção dos dados, escolheu-se a rede social X (*Twitter*), por essa ser considerada um repositório de múltiplos exemplares de enunciados que representam os usos atuais do português brasileiro escrito. Através da ferramenta de pesquisa avançada do site, foram coletados 100 *tweets*, os quais se dividiram em 50 exemplos de usos com o verbo *dirigir* e 50 exemplos com *conduzir*.

A próxima seção, portanto, a fim de corroborar os resultados alcançados por este trabalho, irá se ocupar de relatar as diferenças sintáticas, relativas à construção argumental dos predicados, e às distinções semântico-pragmáticas, que estão relacionadas aos complementos que cada verbo seleciona, que possibilitam a validação da hipótese estabelecida.

4 ANÁLISE

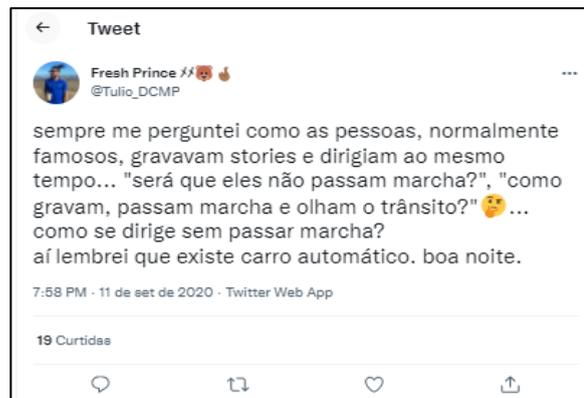
Do ponto de vista sintático, *dirigir* e *conduzir* instanciam tanto construções transitivas diretas quanto construções intransitivas. O que salta aos olhos, contudo, é a frequência que tais construções ocorrem com cada um. Na Tabela 1, é possível observar os resultados quantitativos em relação à transitividade de tais predicados.

Tabela 1 – Transitividade Verbal

TRANSITIVIDADE VERBAL ³			
DIRIGIR		CONDUZIR	
Transitivo Direto	Intransitivo	Direto	Intransitivo
8/50 → 16%	42/50 → 84%	48/50 → 96%	2/50 → 4%

A Tabela 1 mostra que, embora ambos os verbos apresentem usos transitivos diretos e intransitivos, as frequências de uso dessas estruturas argumentais são bastante distintas. O verbo *dirigir* ocorre, na sua grande maioria (84%), em construções intransitivas, enquanto o verbo *conduzir* ocorre, majoritariamente, em usos transitivos diretos (96%). Esses resultados são compatíveis com a hipótese de que esses verbos colocam em proeminência elementos distintos no *frame*, o que ficará claro na discussão a seguir com os *Exemplos 1-5*.

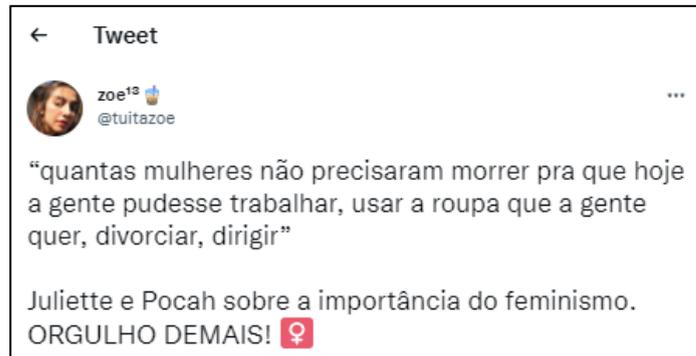
Exemplo 1 — D43



No *Exemplo 1*, o autor do *tweet* reflete sobre um comportamento que ele observa nas redes sociais, pessoas gravando stories enquanto dirigem, e se pergunta como alguém consegue gravar, passar marcha e olhar o trânsito ao mesmo tempo. O uso intransitivo do verbo *dirigir* surge em um contexto que o motorista é o ponto central. Não importa o veículo, importa como a pessoa atrás do volante consegue realizar tantas atividades ao dirigir.

³ Em outros contextos, é possível observar que ambos os verbos também se apresentam em construções transitivas indiretas e transitivas diretas e indiretas. Como elas não foram contabilizadas entre os 100 dados coletados, a presente análise não se ocupará das possíveis interpretações que tais estruturas argumentais viabilizam.

Exemplo 2 – D25



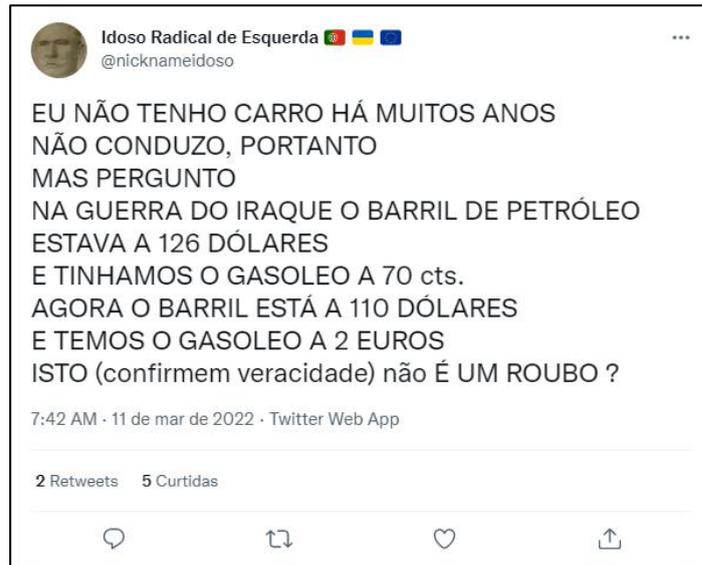
Nesse segundo exemplo, a autora do *tweet* exalta uma fala que lista várias atividades que as mulheres não podiam realizar em determinado momento da história. Vê-se que a própria sucessão de atos que termina com *dirigir* pré-determina que o foco está no sujeito dessa equação, no condutor, que neste caso, são mulheres que precisaram lutar pelos seus direitos de experienciar atividades rotineiras. Aqui, a fim de perfilar o papel do motorista, da pessoa, o uso de *dirigir*, que não precisa vir com complemento, é o que vai permitir tal *construal* em relação ao *frame* CONTROLE DE VEÍCULOS.

Exemplo 3 – C10



Diferente dos outros exemplos acima, o autor desse terceiro *tweet* não está preocupado com a condição do motorista, mas, sim, com a do veículo. O uso do verbo “conduzir” transitivo permite que ele, ao verificar se a informação relativa a andar com a placa coberta é verdadeira, enfoque o papel do veículo na base conceptual que acessa. O automóvel e seu respectivo acessório, a placa de identificação, constituem o cerne dessa postagem.

Exemplo 4 – C19



Indo um pouco mais longe, o Idoso Radical de Esquerda afirma que não têm experiência com carros há muito tempo e decide fazer um questionamento sobre o preço do barril de petróleo, que, por sua vez, impacta o preço da gasolina, um recurso fundamental para qualquer automóvel. Ao utilizar “conduzir”, o *construal* desse verbo em relação ao *frame* CONTROLE DE VEÍCULOS atribui o enfoque do contexto ao papel do veículo, e não à experiência do motorista, já que essa mesma está em falta, permitindo, portanto, que o *tweet* consiga expressar vigorosa contestação sobre o valor do combustível.

Exemplo 5 – C15



O *Exemplo 5* é uma representação de como *dirigir* intransitivo e *conduzir* transitivo se complementam e contrastam em um mesmo contexto. Em uma postagem de conscientização, o Senatran ora se concentra no motorista e ora se detém no veículo e em outras características da regulamentação do trânsito. Primeiramente, para estabelecer uma conexão com o leitor, o órgão público o questiona sobre como seria dirigir de olhos fechados, invocando, assim, a experiência do sujeito atrás do volante. O uso de *dirigir* intransitivo, aqui, é basilar para estabelecer o *construal* de perfilamento sobre o papel do motorista. Em seguida, a intenção comunicativa do *tweet* se constrói a partir da comparação entre a propriedade da visão e o conhecimento das sinalizações de trânsito, esse último relacionado ao verbo transitivo *conduzir* que, justamente, possibilita o enfoque no papel do veículo no *frame* e, conseqüentemente, em outras características do trânsito de automóveis.

Os Exemplos 1-5, então, demonstram que as construções argumentais que ocorrem majoritariamente com cada um dos verbos decorrem dos *construals*, dos enfoques distintos nos papéis do motorista e do veículo que *dirigir* e *conduzir*, respectivamente, estabelecem, ainda que ambos acessem o mesmo *frame*. Outro indício dessa trajetória conceptual são os tipos de complementos verbais que cada verbo seleciona com mais frequência, que no contexto do CONTROLE DE VEÍCULOS só podem ser automóveis.

Do ponto de vista semântico-pragmático, observou-se que *dirigir* e *conduzir* selecionam nomes que ou estão presentes na categoria VÉICULOS, sendo esses os mais prototípicos, como “carro”, e os menos prototípicos, como “moto”, “trem”, “ônibus”, “patinete”, etc., ou nomes que aludem à categoria e não a um elemento dessa, como “veículo”, aqui chamados de generalizadores, ou, ainda, nomes que designam a marca do veículo, exemplos, portanto, de um processo metonímico. A seguir, a *Tabela 2* exhibe a relação de tais características semânticas do objeto com cada um dos verbos.

Tabela 2 — Características Semântico-Pragmáticas do Objeto

CARACTERÍSTICAS SEMÂNTICAS DO OBJETO							
DIRIGIR				CONDUZIR			
Mais Prototípico	Generalizador	Metonímia	Menos Prototípico	Mais Prototípico	Generalizador	Metonímia	Menos Prototípico
3/8 → 37,5%	1/8 → 12,5%	3/8 → 37,5%	1/8 → 12,5%	8/52 → 15%	14/52 → 26%	0/52 → 0%	31/52 → 59%

A primeira discrepância que se observa está na quantidade de objetos diretos que cada

um dos verbos apresentou ao todo nos dados coletados. Por *dirigir* acontecer mais frequentemente em construções transitivas indiretas, o seu número total de objetos é relativo ao número de dados transitivos diretos (8). Contudo, apesar de *conduzir* já ocorrer mais vezes de maneira transitiva direta, quatro dos seus usos apresentaram mais de um objeto direto⁴, contabilizando, portanto, mais números de complementos do que o total dos dados coletados para tal predicado (52). Nota-se que *conduzir* é o verbo que permite que veículos diferentes sejam selecionados para compor sua estrutura argumental, indo ao encontro do estabelecido pela hipótese de que o seu *construal* enfoca o papel do automóvel no *frame* CONTROLE DE VEÍCULOS.

Em segundo lugar, é importante se deter no que a Tabela 2 compara e contrasta em relação aos objetos e as suas características semântico-pragmáticas. O elemento mais prototípico da categoria VEÍCULOS, aqui representado pelo nome “carro”, já que ele é o núcleo da experiência humana na atividade que o *frame* CONTROLE DE VEÍCULOS estrutura, ocorre majoritariamente com *dirigir* (37,5%) quando comparado com *conduzir* (15%). Em contrapartida, elementos menos prototípicos dessa mesma categoria, aqui representado pelos nomes “moto”, “ônibus”, “trem”, “patinete”, etc., aparecem mais com *conduzir* (59%) do que com *dirigir* (12,5%). Sendo o *construal* de *dirigir* aquele que perfila o papel do motorista, não é difícil aceitar que, quando esse verbo aceita objetos diretos, ele assim o faz pois o seu complemento, o “carro”, é aquele que mais se relaciona com a experiência humana individual da atividade de dirigir. E que, sendo o *construal* de *conduzir* aquele que perfila o papel do veículo, também é passível de entendimento que seus objetos diretos sejam numerosos e abarquem uma quantidade diversa de diferentes tipos de veículos.

Duas outras características semântico-pragmáticas que a Tabela 2 explicita são as de generalizador e a de metonímia. Ambas interessantes, pois, elas ocorrem ainda mais desproporcionalmente entre os verbos. Ainda que a primeira se apresente mais com *conduzir* (26%) do que com *dirigir* (12,5%), a segunda se relaciona apenas ao verbo *dirigir* (37,5%). Esses dois aspectos também pontuam a favor da hipótese em que este trabalho se baseia, já que o nome relacionado ao generalizador, “veículo”, está ligado ao papel que o *construal* de *conduzir* perfila, e, na direção contrária, as características que se sobressaem no processo metonímico, a marca pelo veículo, direcionam a atenção, o foco, para o papel do motorista, o destino do processo de conceptualização, do *construal* de *dirigir*.

⁴ Os dados com mais de um objeto direto foram os C7, C16, C22 e C24.

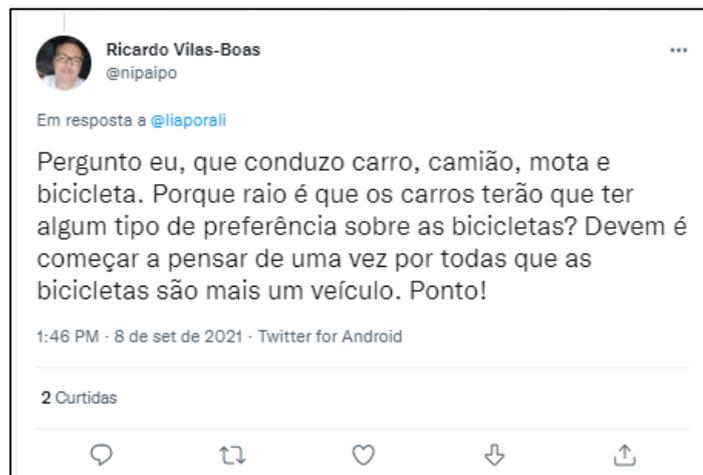
Assim, obedecendo a ordem com que as características semântico-pragmáticas foram abordadas, os *Exemplos 6-9* ilustram, respectivamente, a questão dos objetos mais prototípicos, menos prototípicos, generalizadores e metonímia.

Exemplo 6 — D2



Nesse primeiro exemplo, o perfil de @f0k3resa se utiliza do verbo *dirigir* para reclamar a autoria de um acidente hipotético que pode, ou não, acontecer no futuro. Claramente falando sobre uma pessoa pela qual ela não cultiva bons sentimentos, o objetivo desse *tweet* é deixar claro que a autora será a responsável, a motorista de tal atropelamento. Ainda que *dirigir* esteja sendo usado de maneira transitiva, o veículo, o carro, é aludido apenas para enfatizar como ela vai ferir, causar dano, a quem ela desgosta, perfilando, portanto, ainda, o papel do motorista no *frame* CONTROLE DE VEÍCULOS.

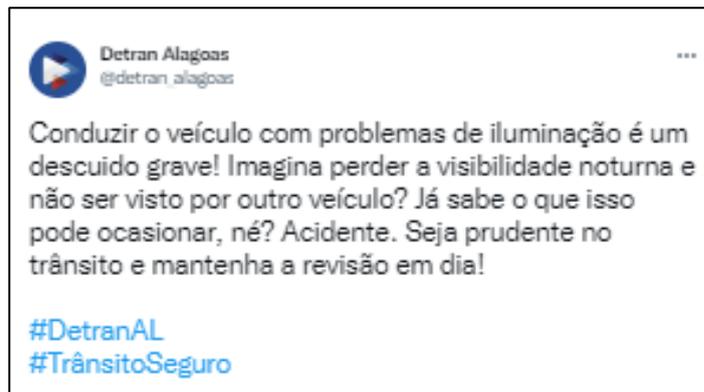
Exemplo 7 — C16



No *Exemplo 7*, ao participar de uma discussão sobre a convivência entre veículos de pequeno e grande porte no trânsito, diferente do anterior, o autor apenas se insere na cena para questionar o valor que a sociedade dá a diferentes tipos de veículos. O uso de *conduzir*, aqui, o permite selecionar uma variedade deles, “carro”, “caminhão”, “moto” e “bicicleta”, o atribuindo

certa autoridade sobre o assunto ao afirmar que as bicicletas são mais um veículo. Tal enunciado não busca enfatizar qualquer experiência do motorista, mas, sim, em demonstrar que todos os meios de transportes precisam ser vistos de maneira equivalente, algo que só o verbo *conduzir* permite, já que o seu *construal* se relaciona ao papel do veículo.

Exemplo 8 — C14



Já neste penúltimo caso, relativo ao uso de um generalizador, representado pelo nome “veículo”, comum em casos com *conduzir*, o Detran de Alagoas usa a rede social para alertar os motoristas sobre a condição dos automóveis que eles conduzem. Aqui, ao comunicar-se com um público amplo, sua intenção não está em focar um outro motorista e seu respectivo veículo. É necessário abarcar um grande e diverso público, e, para tal, selecionar a categoria VEÍCULOS como um todo no frame em questão é mais eficiente, justificando o uso do verbo *conduzir* e, conseqüentemente, a sua capacidade de perfilar esse conjunto de elementos que estruturam essa categoria.

Exemplo 9 — D42



Por último, mas, decerto, notável pela sua capacidade de ilustrar um outro processo

cognitivo de conceptualização que interessa à LC, está o *Exemplo 9*. Carol, perspicaz na sua observação de mundo, expõe algo que nota ser similar em um grupo de pessoas que compartilham certo estilo de vida: o ódio pelo político Lula. O tweet, assim, é um resumo das características que esse grupo tem: são de classe média alta, usam pulseiras caras e dirigem um tipo específico de veículo. Para construir a imagem mental dessas meninas loiras, a autora usa elementos que personificam como elas agem e se apresentam à sociedade. O verbo *dirigir* seguindo do nome “hb20” auxilia nessa estruturação já que ambos perfilam o papel do motorista, o ponto central do enunciado. O recurso da metonímia sinaliza uma aproximação do veículo, através de sua marca, de seu modelo, à pessoa que está atrás do volante, já que o tipo de carro que alguém dirige também comunica a pessoa que ela é em termos socioeconômicos.

Logo, complementando as elucidações sobre a transitividade de ambos os verbos, os Exemplos 6-9 adicionam evidências singulares sobre as características semântico-pragmáticas de *dirigir* e *conduzir*, possibilitando uma percepção mais abrangente de suas respectivas construções alternativas de significado.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho contrastou os verbos *dirigir* e *conduzir*, com base em dados de uso retirados da rede social X (Twitter). Apesar de ocorrerem em contextos discursivos semelhantes, se distinguem significativamente pelas suas respectivas características sintáticas e semântico-pragmáticas. A similitude entre esses verbos é consoante ao fato de ambos acessarem a mesma base conceptual, o *frame* CONTROLE DE VEÍCULOS, que correlaciona o papel do motorista e o papel do veículo. Enquanto as diferenças refletem os *construals* distintos que cada verbo estabelece com tal *frame*. A hipótese, validada pelos resultados que a análise quantitativa alcançou, entende que *dirigir* enfoca o papel do motorista, e que *conduzir*, por sua vez, enfoca o papel do veículo.

É pelos verbos *dirigir* e *conduzir* apresentarem tamanha similaridade que foi possível visualizar onde eles se diferenciam, o que permitiu identificar e caracterizar as construções de significado distintas que ambos constroem. Logo, o alinhamento à percepção que a Linguística Cognitiva adota para tratar do sentido como emergente do uso e não o contrário possibilitou que mais um trabalho sobre palavras semanticamente semelhantes fosse realizado.

REFERÊNCIAS

FAUCONNIER, Gilles. *Mental spaces*. Cambridge University Press, 1994.

FERRARI, Lilian. *Introdução à Linguística Cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2011.

FERRARI, Lilian. Ponto de vista e (inter)subjetividade: frames alternativos em “gosto” e “sabor. In: CAVALCANTE, Sandra; GABRIEL, Rosângela; MOURA, Heronides (org.). *Linguagem, Cognição e Cultura: Estudos em Interface*. Campinas: Editora Mercado de Letras, 2021. p. 157-179.

FERRARI, Lilian. Gramática cognitiva e conceptualização do espaço: a construção [ir prep sn(loc)] no português brasileiro. In: OLIVEIRA, Mariângela Rios de. (org.). *Articulação do espaço no português: uma abordagem cognitivista, funcionalista e construcional*. 1 ed. Campinas: Pontes Editores, 2023, v. 1, p. 59-82.

FILLMORE, Charles J. Frame Semantics. In *Linguistics in the Morning Calm*, edited by Linguistic Society of Korea. Seoul: Hanshin, 1982. p. 111-137.

LANGACKER, Ronald. *Foundations of cognitive grammar. Theoretical prerequisites*. vol. I, Stanford CA: Stanford University Press, 1987.

PINHEIRO, Diogo; FERRARI, Lilian. V. Entre a Gramática de Construções e a semântica lexical: em busca de uma explicação cognitivista para a distribuição dos verbos “aparecer”, “surgir” e “chegar” no português brasileiro. In: *Guavira Letras*, v. 21, p. 14-35, 2015.

ANEXO 1

DADOS	
DIRIGIR	https://drive.google.com/drive/folders/1viih1gGMECE-Qe8nnUmWik6VqZbIzoZz?usp=drive_link
CONDUZIR	https://drive.google.com/drive/folders/17mXE4r9i_3U_5EQYHqW3z5_KXM_LPEu?usp=sharing